

Jean Wyllys

O que será

A história de um defensor dos direitos humanos no Brasil

Com
Adriana Abujamra



Copyright © 2019 by Jean Wyllys e Adriana Abujamra Aith

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

Thiago Lacaz

Foto de quarta capa

Bernardo Guerreiro

Preparação

Julia Passos

Revisão

Angela das Neves

Luciane Helena Gomide

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Wyllys, Jean

O que será : a história de um defensor dos direitos
humanos no Brasil / Jean Wyllys, com Adriana Abujamra.
– 1^a ed. – Rio de Janeiro : Óbjetiva, 2019.

ISBN 978-85-470-0089-9

1. Ativistas políticos 2. Brasil – Política e governo
3. Jornalistas – Brasil – Autobiografia 4. Wyllys, Jean
1974- 1. Abujamra, Adriana. II. Título.

19-27073

CDD-070.92

Índice para catálogo sistemático:

1. Jornalistas políticos : Autobiografia 070.92

Ioanda Rodrigues Biode – Bibliotecária – CRB-8/10014

[2019]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORASCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19, sala 3001 – Cinelândia

20031-050 – Rio de Janeiro – RJ

Telefone: (21) 3993-7510

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/editoraoobjetiva

instagram.com/editora_objetiva

twitter.com/edobjetiva

Para você também

Não é a minha vitória, é a nossa. Se um gay pode vencer, significa que há esperança e que o sistema pode funcionar para todas as minorias se lutarmos. Nós precisamos dar esperança a eles.

Harvey Milk

Desperto um belo dia no mundo e me atribuo um único direito: exigir do outro um comportamento humano. Um único dever: o de nunca, através de minhas opções, renegar minha liberdade.

Frantz Fanon

Mas permanece também a verdade de que todo fim na história constitui necessariamente um novo começo; esse começo é a promessa, a única “mensagem” que o fim pode produzir. O começo, antes de tornar-se evento histórico, é a suprema capacidade do homem; politicamente, equivale à liberdade do homem. Cada novo nascimento garante esse começo; ele é, na verdade, cada um de nós.

Hannah Arendt

Sumário

PARTE 1: ORIGENS

Alagoinhas	13
Cartas na mesa	29
No dia em que eu vim-me embora.....	36
Somos milhões, e não somos fracos	52
Flerte com a política	71

PARTE 2: NA POLÍTICA

Estreia no Congresso	77
Você tem medo de quê?	102
Casamento igualitário: A gente joga arroz; outros, areia.....	113
Segundo mandato	122
Caiu na rede	141
O processo	148
As ideias são à prova de bala.....	161

PARTE 3: EXÍLIO

Partido.....	171
A partida	185
A partir.....	199
<i>Agradecimentos</i>	207
Notas	209

Parte 1

Origens

Alagoinhas

Meu primeiro nome, Jean, foi ideia de uma das minhas tias, inspirada em um galã de fotonovela. O tal galã provavelmente era loiro de olhos azuis. Eu, filho de pai negro e mãe branca, nasci assim, com cara de marroquino. Já o Wyllys é uma história curiosa. Meu pai, José Dias dos Santos, trabalhou uma época como pintor de carros. Seu preferido era o luxuoso Aero Willys, criado nos Estados Unidos e fabricado por aqui no começo da década de 1960. Pai mal tinha cacife para comprar um Fusca de plástico, que dirá para um automóvel daquele porte. Quando nasceu o primeiro filho varão — no caso, eu —, decidiu registrar com o nome da caranga dos sonhos. Subtraiu o Aero, manteve o Willys, adicionou um “y” e pronto. Um homem semianalfabeto se fartou de ipsilones.

Sou um cara de Alagoinhas, no interior da Bahia, um lugar muitas vezes invisível para o restante do país. A cidade é localizada no interior, a 93 quilômetros de Salvador. Por anos acreditei que a faixa iluminada que eu via ao longe vinha da capital. Sentava no alto da ladeira e sonhava com um futuro melhor do lado de lá. Mais tarde, descobri que as luzes eram de uma fábrica de sabão.

Morava na Baixa da Candeia, periferia rural da cidade. Nossa casa tinha um cômodo e era feita de taipa, técnica que consiste em usar ripas de madeira prensada e barro molhado batido com as mãos para preencher os espaços vazios. O barro tem que ser úmido, mas na medida certa. Caso contrário, a casa desaba. A nossa cedeu após um temporal. Ficamos meses com um buraco enorme na lateral superior da parede. Quando chovia, ficar dentro ou fora de casa não fazia tanta diferença, pois nos encharcávamos do mesmo jeito.

Não tinha banheiro nem luz elétrica, tampouco água encanada. Esses luxos eu só desfrutei mais tarde. Água limpa tinha somente no chafariz público, que ficava aberto por apenas duas horas. Quem colocava ordem na fila era o seu Zé, um homem taciturno, magro e de unhas enormes. Nosso desafio era equilibrar a lata d'água cheia na cabeça, sobre uma rosca de trapo, sem que caísse. Essa água era armazenada em um tonel no quintal e usada para lavar louça, tomar banho, cozinhar, para tudo.

Inalva Dias dos Santos é minha mãe. Mainha é miúda, com o rosto vincado pelo sol e pelo tempo, cabelos e olhos negros, circunspecta e muito religiosa. Somos seis irmãos, nesta ordem: Josélia, Joseane (chamada de Ninja), eu, George, Ricardo e Rômulo. Todos muito parecidos, com o mesmo cabelo encaracolado. Antes de mim nasceu uma menina, mas ela morreu de tifo aos oito meses.

Prestes a completar um ano, tive uma desidratação agravada por uma disenteria. Fiquei tão fraco que meu pai correu para providenciar um caixão de bebê. Mainha desesperou:

— Ave Maria! E o menino é pagão, nem foi batizado ainda.

Para facilitar minha entrada no reino dos céus, recorreu à dona Didi e seu Maximiliano, nossos vizinhos na época, versados em assuntos divinos. O casal me deu a bênção e colocou uma vela

acesa na minha mão para selar a cerimônia. Me contaram que chorei quando a cera escorreu e tocou na minha pele. Pronto, salvo pelo gongo.

Meu pai era do candomblé. Só ia à igreja para acompanhar Mainha, e olhe lá. A mãe dele — vó Rosa — morava no Sol de Oxóssi, um bairro da periferia. Não havia terreiro de candomblé no centro da cidade. A religião era vista como coisa de preto e pobre, por isso, quanto mais afastada, melhor. Vó Rosa — cabocla de cabelos lisos, grisalhos e compridos — era benzedeira. Preparava uma poção de axé de ervas para eliminar energias negativas. Santos católicos e orixás conviviam lado a lado tranquilamente em um altar em sua casa. Eu sentia um misto de fascínio e paúra. O som dos tambores ressoa em mim até hoje. Íamos ao terreiro apenas nas festas de “Ajeum”, que significa comer junto. A comida era servida à vontade nessas ocasiões. Era nossa chance de tirar a barriga da miséria.

Mainha era lavadeira. “Lavava de ganho”, como a gente diz por aquelas bandas, à beira do rio. Não tenho memória de minha mãe brincando comigo ou com meus irmãos. Manter-nos vivos já era uma tarefa demasiadamente extenuante para ela. Depois, foi trabalhar como empregada doméstica. Nem sempre o que recebia era suficiente para garantir a comida. Era corriqueiro a gente deitar com fome, sabe? Mainha aconselhava:

— Durma que a fome morre no corpo.

O mais comum à mesa era o velho e bom café com farinha. Não consigo me esquecer do gosto dessa mistura até hoje. Época de jaca era uma beleza. A gente se acocorava ao redor da fruta e raspava o bago com as mãos.

Raras vezes a escola oferecia merenda. Um dia, George desmaiou de tanta fome. Foi levado à secretaria, onde lhe deram um punhado de açúcar. Meu irmão corou de vergonha. Me lembrei

dessa história outro dia, quando li no jornal que um menino de oito anos “apagou” na sala de aula pelo mesmo motivo. A escola desse garoto fica a apenas onze quilômetros do Palácio do Planalto, sede do governo do país em Brasília.¹

O caso de minha família é regra, não exceção. A quantidade de pessoas usufruindo uma vida digna neste país ainda é pífia. Apenas 10% da população concentra quase metade da renda do país.² Dá para acreditar? Significa que todo o resto está vivendo como pode. É o que fazíamos em Alagoinhas.

Uma das poucas alegrias de minha mãe era assistir às novelas na casa do compadre Oseias, que na época era o único da região a ter um aparelho de televisão. Como a TV era em preto e branco, ele cobria a tela com um plástico azul para dar uma corzinha. A imagem subia e descia ininterruptamente. A tática para resolver o problema era prender um pedaço de bombril à antena ou dar pequenos murros no aparelho. À noite, seu Oseias abria a porta para toda a vizinhança assistir à novela.

Devo ter ficado curioso, pois – segundo relatos de Mainha – decidi nascer no clímax de uma dessas sessões. Até hoje ela lamenta, em tom de galhofa:

— Perdi o último capítulo da minha novela para parir o Jé-annnn — ela diz meu nome assim, com acento no “e” e esticando o final.

Meu interesse por cultura popular vem daí. Na falta de livros, filmes e outros meios culturais, os folhetins eram a única maneira de o povo da Candeia se transportar para outros lugares e esquecer a vida sem graça que levava. Aparelho desligado, a realidade se impunha novamente.

Me lembro de Mainha ensimesmada, queixando-se baixinho da vida miserável que levávamos e dos porres de meu pai. Prática

e realista, solapava meus devaneios. Um dia, ela varria as folhas secas caídas no quintal e eu desenhava no chão com um palito de fósforo. Assim que concluí minha “obra de arte”, anunciei confiante:

— Mainha, quando eu crescer vou ser desenhista.

Nem bem acabei a frase, ela arrematou, varrendo para longe aquele fio de esperança:

— Sonhar é bom, menino, o problema é que a gente acorda. Agora vá buscar água, vá.

Sempre fui bom aluno, mas não havia meios de esse mantra entrar na minha cabeça. Desde cedo eu tive certeza de que um destino melhor me esperava. Anos depois, ignorando os conselhos de Mainha, prometi:

— Ainda vou entrar na universidade e tirar a gente da miséria.

— Oh, Jean, acorde! Quantas vezes preciso te explicar? Preste atenção. Esse negócio de faculdade não é para você, é para filho de rico.

Mainha só estudou até a terceira série do ensino fundamental. Ninguém em nossa família tinha diploma de coisa alguma. Como diz o adágio: “Quem nasceu pra vintém nunca chega a ser tostão”.

Meu pai era o oposto. Sonhador, encurtava a distância entre a vida almejada e a real com doses cavalares de aguardente. Falastrão e cheio de certezas, ganhou o apelido de Zé Tudo Certo. Vestia calças boca de sino, camisa aberta no peito. Enfurnava-se nos botequins e não perdia uma roda de música na cidade.

— Compadre, solte um lá maior — pedia, sempre com um copo de pinga na mão.

Depois de entoar canções e entornar muita cachaça, voltava para casa de madrugada trançando as pernas. Às vezes eu era